



A restituição do passado: netos da Praça de Maio¹

Carolina Dardi²

Resumo:

O presente ensaio propõe uma reflexão a partir de uma releitura do capítulo a *Restituição do passado* do livro de Maurice Halbwachs, os *Quadros sociais da memória*, onde utilizarei como ferramenta de análise alguns pontos-chaves do texto como ativadores para repensar a restituição do passado na construção da identidade, no contexto atual e latino-americano. Focarei na reconstrução da memória e identidade da perspectiva dos Netos das Abuelas de Plaza de Mayo³, filhos dos desaparecidos da ditadura militar na Argentina, ao me perguntar como suas memórias são construídas a partir de um passado não vivido, tendo sua identidade resconstituída na releitura da história e refletindo sobre o papel das Avós – ao confrontarem a instituição ao visarem a restituição dessas memórias.

Palavras-chave: Memória social; Desaparecidos, Ditadura militar.

Resumen

Este ensayo propone una reflexión a partir de la relectura del capítulo *La Restitución del Pasado*, del libro de Maurice Halbwachs, *Los cuadros sociales de la Memoria*, donde utilizaré como herramienta de análisis algunos puntos-clave del texto como activadores para repensar la restitución del pasado en la construcción de la identidad, en el contexto actual y latinoamericano. Me centraré en la reconstrucción de la memoria e identidad desde la perspectiva de los nietos de las Abuelas de Plaza de Mayo, hijos de los desaparecidos de la dictadura militar en Argentina, al preguntarme cómo sus memorias son construidas a partir de un pasado no vivido,

¹ O presente artigo é acompanhado de um vídeo homônimo realizado pela autora, que pode ser assistido no canal <https://www.youtube.com/watch?v=5ZoPIM9S7hk>

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Facultad de Arquitectura, Planeamiento y Diseño - Universidad Nacional de Rosario, UNR, da Argentina (1999). Atuou como professora assistente na Cátedra de Projeto Arquitetônico na mesma faculdade (2000-2003). No Brasil, possui formação como Gestora Pública e Agente Cultural, pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e Conservação e Restauo de Patrimônio Edificado, pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento Urbano, Integração Social, Favela e cidade; e Projeto do Espaço Urbano. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – PPGMS –UNIRIO. Bolsista do CNPq.

³ A Associação Civil Avós da Praça de Maio é uma organização de direitos humanos argentina que tem como finalidade localizar e restituir todas as crianças sequestradas ou desaparecidas pela ditadura militar argentina (1976-1983) às suas legítimas famílias, criar as condições para prevenir este crime contra a humanidade e obter o castigo correspondente para todos os responsáveis. Em 2008 a Associação foi nominada ao Prêmio Nobel da Paz.



teniendo su identidad resconstituída en la relectura de la historia y reflexionar sobre el papel de los Abuelas – al confrontar la institución para visar la restitución de esas memorias.

Palabras clave: Memoria social; Desaparecidos; Dictadura militar.

Introdução

"La Memoria Colectiva es más poderosa que cualquier dictadura; que cualquier inquisidor por malo que sea, que cualquier verdugo por eficaz que parezca"
Eduardo Galeano.

Neste ensaio vou retomar o texto de Maurice Halbwachs como um possibilitador de construção de reflexões, partindo de sua coletânea póstuma escrita no século XIX, visando uma leitura que dialoga com a contemporaneidade latino-americana. O capítulo III, intitulado a *Restituição do passado*, aborda a recuperação de uma lembrança que já não se localiza mais no mesmo lugar, sendo uma reinterpretação da memória elaborada no primeiro registro. A narrativa descreve como um livro lido em um outro momento da vida do leitor pode, de algum modo, gerar a reconstituição do passado, já que essa releitura pode fazer com que nossa memória retome aquilo que tinha escapulado e reinterprete, surgindo uma forma nova. O autor faz uma analogia com um objeto que, ao ser olhado de outro ângulo e com uma iluminação diferente, promove uma releitura das partes que já não são como eram.

Sempre com foco na releitura como um "possibilitador", o autor relata os três estágios da vida e a relação com a memória, passado e identidade a partir de narrativas. No começo, foca nas crianças e em como elas aceitam situações desconcertantes para a razão, porque as entendem como coisas naturais; "eles se contentam com reencontrar no que vem ou no que se lhes conta pela primeira vez, uma forma nova" (HALBWACHS, 1925, p.107). A criança não julga o que lhes dizem, já que carece da experiência social e psicológica do adulto, contudo, o autor se pergunta: se bastaria afastar provisoriamente esta massa de noções adquiridas desde a infância, para que surjam as lembranças do ontem?

Já como adultos, quando fazemos uma releitura, a elaboramos a partir de um lugar reflexivo, crítico, querendo contextualizá-la, examiná-la racionalmente; como contrapartida, as crianças, não as confrontam, se mantendo naquilo que lhes dizem.



Ao buscar contextualizar, cito uma frase de Halbwachs sobre Anatole France no prefácio de *Vie de Jeanne d'Arc*:

para sentir o espírito de um tempo que já não está, para se fazer contemporâneo dos homens de outro tempo... a dificuldade não reside tanto no que há que saber como sim no que não se necessita jamais saber. Se verdadeiramente queremos viver no século XV, quantas coisas devemos esquecer. (HALBWACHS, 1925, p.109)

Mas, o autor avança na sua reflexão se perguntando como seria se, essa criança, ao entrar em contato com seus semelhantes, tomasse consciência de qual é sua situação no grupo e das variações que isso contém.

Halbwachs se preocupa em trazer a identidade, e descreve como em cada época de nossa vida, as lembranças que vamos guardando perpetuam, como uma filiação contínua, o sentimento de nossa identidade.

Aqui vou me deter e colocar a identidade como um primeiro nexos de comunhão de minha reflexão de aproximação entre estes relatos anacrônicos, entendendo anacronia como o lugar da não contemporaneidade (LIFTZCHIFT, 2015).

A identidade, a reconstituição do passado e as memórias transitam biunívocamente por nossa história. Neste ponto, podemos nos perguntar, como reconstituir o passado de alguém que não teve essa experiência. É claro que todos temos um passado, mas colocarei o foco em quem tem que partir da restituição do mesmo para ter uma memória, determinante na elaboração de sua própria identidade.

Halbwachs descreve que tal restituição do passado não pode ser mais que uma aproximação, que será mais ou menos profunda segundo a quantidade de testemunhos escritos ou orais. Indo além se pergunta se, para restituir na sua realidade um acontecimento histórico, seria necessário sacar de seus túmulos todos os atores e testemunhos. Porém o autor traz a dificuldade da evocação. O texto descreve as diferentes formas de ativação que uma releitura de um texto pode trazer do passado, em contraposição, ao usar o texto como "ativador", trabalharei justamente "quando um passado é inexistente".

Quando falo de inexistência nesta reflexão, penso em primeiro lugar nas memórias impedidas - não como Ricoeur a concebe, como memória ferida, patológica- senão a daqueles que não conseguem evocar porque o passado foi roubado. Mas, sim, tomarei de Paul Ricoeur quando afirma que o "trabalho de memória" poderia ser assimilado como a cura aos processos históricos "patológicos" que habitam o tecido social das sociedades.



A partir desse ponto do trabalho, faço um vínculo rizomático com os filhos dos desaparecidos na ditadura militar argentina na década de 1970, pensando em como esses filhos constroem sua identidade, a partir de quais lembranças, se elas não aconteceram? Como evocar um passado de identidade que não viveram?

Esse período da América Latina se caracterizou por construir memórias que denegavam a alteridade, submetendo todo tipo de indivíduos que desafiassem à narrativa oficial (LIFTZCHIFT, 2012).

A ditadura militar, que se estabeleceu na Argentina em 24 de março de 1976, sistematizou um modo de política materializado na "desaparição forçada de pessoas" e seu posterior assassinato, levado a cabo por grupos específicos onde estavam envolvidos vários setores do poder.



Fonte: http://historiaybiografias.com/golpe76_1/



Fonte: http://ansur.am/politica/gobierno-dice-que--no-hay-dudas-de-que-hubo-participacion-de-ee-uu--en-el-golpe-de-1976_n33658

Com dita prática e com a institucionalização de campos de extermínio, chegando a ser 465 em todo o país, ficou organizada uma modalidade repressiva do poder.

Por outro lado, se a morte não foi burocratizada, não existiam nomes, nem mortos, nem corpos, nem haviam responsáveis. Se implantou a violência como modo de vida onde o tecido social foi desarmado, e esse trauma se converteu em um trauma histórico afetando a comunidade.

O conceito de Genocídio não existia antes de 1944, é um termo que Raphaël Lemkin (1900-1959) concebeu para descrever as políticas nazistas de assassinato sistemático, combinando a palavra grega *geno*, que significa raça ou tribo, com a palavra latina *cídio*, que quer dizer matar. Com este termo, Lemkin definiu o genocídio como: "um plano coordenado, com ações de vários tipos, que objetiva a destruição dos alicerces fundamentais da vida de grupos nacionais com o objetivo de aniquilá-los"⁴. Descreveu o genocídio como um crime contra o direito das pessoas, seja cometido em tempos de paz ou de guerra. É o exercício criminal da soberania estatal.

No genocídio na Argentina, um dos modos da violência repressiva foi a fratura geracional, tanto dos 30.000 desaparecidos como das quase 500 crianças

⁴ United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC.



nascidas em campos de cativeiro⁵, apropriadas em grande maioria por pessoas vinculadas ao regime militar, produzindo uma quebra no sistema de parentesco. É dizer que, ao desaparecer membros da família, desaparecem representantes de uma ou várias gerações. Essas crianças já nascem sem direito a um passado, a uma memória. Considerando que a Memória Social é uma disciplina de recomposição, de restituição; como uma memória aparece, como é criada, como é buscada no caso destas crianças, hoje adultos?

O citado capítulo do autor é aplicado para pensar a construção das memórias dos desaparecidos, desde a restituição; onde estava essa memória se foi roubada ao nascer? Como é que foi reconstituída? Aqui podemos responder com uma passagem do texto do autor onde descreve que não é uma criança que sobrevive em si mesma; é um adulto que recria, nele e em torno dele.

Halbwachs faz sua narrativa de uma releitura de uma mesma condição, aqui eu trabalho a condição da ausência da memória primária e como a memória é despertada dentro dos Netos destas Abuelas de Plaza de Mayo, como esse processo se acende?

A partir desta releitura, me pergunto como foi essa restituição do passado? Existem lembranças que persistem ao longo da vida, construindo nossa identidade, mas que memória permanece? Como se constrói a memória do filho de um desaparecido? As memórias são ativadas desde o presente?

"O que nos levanta é a força de nossas memórias quando elas ardem" (DIDI-HUBERMAN, 2015), ou seja, a memória é valorizada como objeto comunitário de luta e resistência e, neste contexto, se procura um enquadramento social externo lido como um suporte para que essas memórias impedidas sejam acesas.

Um marco como "possibilitador das escutas"?

Segundo Halbwachs, é preciso distinguir entre um marco espacial, temporal e num modo geral, um marco social. Mas, o autor se pergunta em que sentido a desapareição ou a transformação desses marcos de memória pode levar à desapareição ou a uma transformação das lembranças descrevendo duas hipóteses. Uma hipótese cita que, entre o marco e o acontecimento poderia haver uma relação de contato, mas não uma mesma substância. E a outra hipótese seria que, entre o marco e a lembrança haveria identidade de natureza. Halbwachs acrescenta, "tal

⁵ Maternidades clandestinas como Campo de Mayo, Escuela de Mecánica de la Armada, Pozo de Banfield, entre outras.



reconstituição do passado não pode jamais ser senão uma aproximação". (HALBWACHS, 1925, p.112)

Como pensar na restituição do passado de alguém que não passou por essa experiência? Neste ponto axial, penso que, uma memória necessita construir-se por suportes externos, suportes como resposta à necessidade de ativação de memória.

Penso nos marcos como "*possibilitadores*" de restituição, e trago a esta reflexão, aos agentes da memória política (LIFTZCHIFT, 2012), denominados de empreendedores da memória (JELIN, 2002), agentes de memória ou militantes da memória (ROUSSO, 1990), funcionando como agentes de restituição do passado.

Os agentes da memória operam nessa disjunção, análoga com essa outra disjunção emocional, de lidar entre o real da morte e a impossibilidade do luto. (LIFTZCHIFT, 2012)

Quando falamos de restituição do passado, como cita Halbwachs neste capítulo, podemos fazer uma analogia com as restituições que estes agentes de memória cumprem no papel da restituição da identidade. Nesse caso, penso nas Abuelas de Plaza de Mayo como agentes de memória. A medida que seus filhos continuavam desaparecendo e sem encontrar respostas nos corredores oficiais, as mães começaram a se juntar, às quintas-feiras, na Praça de Maio, na cidade de Buenos Aires, para exigir respostas aos governantes, lideradas por Azucena Villaflor.

A polícia impediu-lhes de se reunirem, argumentando que um decreto estabelecia o estado de sitio e que as reuniões estavam proibidas. Falaram-lhes: "*Circulem, circulem*", e elas circularam: começaram a dar voltas ao redor da Pirâmide de Maio, enquanto exigiam conhecer o destino de seus filhos e o castigo para os culpados.



Roda de Madres de Plaza de Mayo, cerca de 1979. Coleção fotográfica Carmen Lapacó
Foto: Parque de la Memoria

fonte: <http://www.lanacion.com.ar/1880600-la-resistencia-al-golpe-en-imagenes>



Em fins de 1977, as forças armadas sequestraram e assassinaram Azucena Villaflor.



Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/subnotas/79537-25680-2007-01-25.html>

Naquela época, as Mães da Praça de Maio "eram mães de subversão", "se eles mataram seus filhos é porque alguma coisa deveriam ter feito", as portas foram ficando fechadas e poucas pessoas falavam com elas.

O lenço branco em suas cabeças surge por uma necessidade de identificação, "ntão se colocaram nas cabeças as fraldas de seus filhos, que todas guardavam como lembrança primaria, como "gesto de levante" (DIDI-HUBERMAN , 2015⁶).



Fonte: <http://www.lagaceta.com.ar/foto/1656/57057/madres-de-la-plaza.html>

⁶ Retirada do seminário ministrado pelo autor, no Museu de Arte do Rio-MAR, os dias 23 e 24 de novembro de 2015 na cidade de Rio de Janeiro.



Fonte: http://historiaybiografias.com/golpe76_3/

Em vários momentos, Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também descreve um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais. Ele afirma que para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos, "é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum." (HALBWACHS, 1925)

Podemos pensar em como as Avós da Praça de Maio adotaram as memórias como um espaço de luta. Nessa luta de procuras de memórias, identidade e justiça, as avós se institucionalizam, para conformar esse "marco possibilitante" para sua luta, formando uma organização não-governamental com a finalidade de localizar e restituir as crianças sequestradas e desaparecidas pela repressão política, às suas legítimas famílias, se convertendo em "agentes da memória".

Estas avós, que começaram sendo mães que procuravam seus filhos, hoje são avós que restituem o passado aos seus netos, dando-lhes uma identidade.

Hoje são 117 os NETOS recuperados no país.



Fonte: <http://www.radiouniversidad.unlp.edu.ar/abuelas-de-plaza-de-mayo-restituyo-a-la-nieta-117>

Quando o passado não pode ser restituído

Neste contexto trago um nome: Alicia De Cicco.

Nasceu em 30 de janeiro de 1952 na cidade de Cruz del Eje (estado de Córdoba, Argentina), e se casou com o médico René Moukarzel. Alicia era professora. Ela foi sequestrada em 15 de dezembro de 1975 no seu trabalho. Seu companheiro já estava preso a disposição do PEN⁷ na carcel UP1⁸; ele foi assassinado com um punhal cravado nas costas pelo tenente Gustavo Adolfo Alsina. Os outros detidos lembram dele pela agonia que sofreu por mais de 24h até morrer.

"Alicia tinha olhos muito grandes, eles lhe diziam a Turca" foi torturada no Campo de detenção clandestino La Ribera. A sobrevivente Teresa "Tina" Meschiati afirmou: "estava morta. Ela havia sido torturada muito. Havia marcas como se ela tivesse sido estrangulada".⁹

Os militares tinham tentado obter informações de seu marido também sequestrado, mas ela não falou. Ela foi enforcada pelo militar Hector Pedro Vergéz. Tinha 23 anos.

Seu corpo continua desaparecido.

Alicia era minha tia.

Esta é minha homenagem a sua memória impedida. O seu passado nunca pôde ser restituído.

⁷ Poder Ejecutivo Nacional.

⁸ UP1- Penitenciária do bairro San Martín, em Córdoba, era um CDC (Centro de detenção clandestino)

⁹ disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-287717-2015-12-07.html>



Fonte: <http://www.desaparecidos.org/arg/victimas/d/decicco/>

"Andávamos sem nos procurar, mas sabendo sempre que andávamos para nos encontrar." (CORTAZAR, 1963)



So peço POR FAVOR, NUNCA MAIS!¹⁰

¹⁰ Você pode ser um dos netos que as Abuelas estão procurando, se nasceu entre 1975 e 1980 e tem dúvidas sobre tua origem consulte aqui: <https://www.abuelas.org.ar/caso>



El miedo seca la boca, moja las manos y mutila. El miedo de saber nos condena a la ignorancia; el miedo de hacer nos conduce a la impotencia. La dictadura militar, miedo de escuchar, miedo de decir, nos convirtió en sordomudos. Ahora la democracia, que tiene miedo de recordar, nos enferma de amnesia; pero no se necesita ser Sigmund Freud para saber que no hay alfombra que pueda ocultar la basura de la memoria (GALEANO, 1993).

Referências

CORTAZAR, J. Rayuela. **Editorial Sudamericana**, 1963

DESAPARECIDOS.ORG. **Listado de desaparecidos en Córdoba.**

Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/victimas/d/decicco/>

GALEANO, E. **El libro de los abrazos.** Editorial Siglo XXI, 1993.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Antrophos Editorial, 2004. (Capítulo III).

LIFSCHITZ, J. La memoria social y la memoria política. In: **Aletheia**, volumen 3, número 5, diciembre 2012.

Disponível em: <http://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero-5/articulos/la-memoria-social-y-la-memoria-politica>

PLATÍA, M. El represor que sumó 16 nuevos pedidos de prisión perpetua. In: **Diario el país.** 2015

Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-287717-2015-12-07.html>